

ATA DA REUNIÃO DE GRUPO DE TRABALHO – PLANEAMENTO ESTRATÉGICO UM

No dia 14 de dezembro de 2011 pelas 15 horas, reuniu na sala 109 do CP2 o grupo de trabalho liderado pelo Professor Catedrático da Escola de Economia e Gestão, Antonio Mendes Silva Ferraz. Este grupo foi um dos que resultou do sorteio realizado pela Direção de Recursos Humanos (DRH) e Serviços Académicos (SA) da Universidade do Minho (UM), na sequência da proposta feita pelo Conselho Geral (CG) de auscultar a academia, para disponibilizar ao Senhor Reitor um contributo, sustentado em reflexão aprofundada, para a elaboração do Planeamento Estratégico da Universidade do Minho.

A reunião convocada por António Mendes Silva Ferraz teve como ponto único da agenda, a recolha das respostas dadas pelos elementos integrantes do grupo, às questões propostas pelo CG. Dado que todos os elementos presentes trouxeram por escrito as suas opiniões, António Ferraz propôs que um dos elementos do grupo fizesse a síntese dos contributos recolhidos. Isabel Aguiar Pinto Mina disponibilizou-se para fazer esse trabalho de síntese e aos contributos dos quatro elementos presentes foi adicionada a opinião de Pedro Rodrigues que enviou o seu contributo por e-mail. Assim sendo, a síntese que se segue apenas não inclui a opinião do estudante, Diogo Alberto Ribeiro Bento, que não compareceu, nem reagiu à convocatória do Prof. António Ferraz.

O referido grupo é constituído por:

- Prof. António Mendes Silva Ferraz (ferraz@eeg.uminho.pt)
- Prof. Isabel Maria Ferraz Cordeiro (icordeiro@eeg.uminho.pt)
- Prof. Isabel Maria Cravo Aguiar Pinto Mina (icapmina@bio.uminho.pt)
- Prof. Cristóvão Fernando Macedo Lima (clima@bio.uminho.pt)
- Pedro Joaquim Peixoto Rodrigues (pedro.rodrigues@saum.uminho.pt)
- Diogo Alberto Ribeiro Bento (A55744@alunos.uminho.pt)

Segue então, precedida pela questão colocada pelo CG (a negrito), a síntese da reflexão realizada pelos cinco elementos do grupo, acima mencionados.

1. Entende ser oportuna a eventual fusão/reconversão ou extinção de unidades orgânicas de ensino e investigação, subunidades e de serviços?

Por princípio, a racionalização consistente e fundamentada de unidades orgânicas de ensino e investigação, subunidades e serviços, pode trazer economias de escala e maior eficiência. Para isso, é necessário avançar com estudos avalizados tecnicamente. Toda e qualquer fusão/reconversão e ou extinção que incentive a poupança e elimine o desperdício, sem afetar o normal funcionamento das unidades e serviços essenciais, deve ser efetuado.

Considerando que as alterações que se têm vindo a realizar (pelo menos em algumas unidades orgânicas), não têm sido feitas “de ânimo leve”, está na hora de as assumir e dar tempo para que as mudanças feitas possam mostrar resultados.

Contudo, este grupo apresenta algumas sugestões mais concretas:

- Fechar cursos (C1, C2 ou C3) que tenham vindo a ter uma procura bastante inferior à oferta (principalmente, cursos a funcionar em horário pós-laboral) – situação que se torna desprestigiante para a UM.
- Reafetar os docentes desses cursos a outros que não tenham problemas de procura e tenham escassez de docentes, desde que essa reafetação seja feita dentro das mesmas escolas e com a concordância das partes interessadas.
- Manter os centros de investigação aos quais a Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) deu a classificação de Bom. Atendendo a que, dos 34 centros da UM financiados pela FCT, apenas 17 têm classificação de Muito Bom e Excelente, caso se fechassem os que têm classificação de Bom, num futuro próximo extinguir-se-iam metade dos centros da UM com financiamento, e determinadas áreas de investigação relevante desapareceriam.
- Agregar todos os Institutos Politécnicos circundantes (Ave, Ponte de Lima, de Viana do Castelo, Barcelos, etc.) para fornecer cursos mais técnicos, de modo a que o sistema de Ensino Superior e a diversidade de áreas de investigação nacionais, se orientem de acordo com a dimensão, as necessidades e o poder económico do país.

Tendo em conta a dimensão da UM, o número de Unidades Orgânicas de Ensino e Investigação (UOEI) parece ser elevado, daí resultando num número médio de alunos por UOEI relativamente baixo. Assim, em termos práticos, a nível dos SA a redução de UOEI é vista com bons olhos por:

- simplificar procedimentos;
- diminuir o tempo de espera e consequentemente de resposta, evitando que o mesmo assunto percorra diferentes serviços;
- diminuir (provavelmente) os pedidos de recursos humanos e materiais, através da partilha dos existentes, tornando a estrutura orgânica, mais simples, rápida e ágil.

2. O que pode a Universidade do Minho fazer para melhor interagir com a comunidade e quais devem ser os seus parceiros estratégicos?

A UM já tem mostrado uma boa interação com a comunidade, sobretudo externa, quer com algumas empresas da região, quer com a sociedade em geral. As visitas e cursos de verão para alunos do ensino básico e secundário têm tido bastante sucesso e, desde sempre, existe consciência da necessidade de cativar as empresas da região, anotando-se esforços pontuais nesse sentido.

É opinião de todos os elementos deste grupo que a prioridade da UM deverá ser trazer as empresas para o seu interior; a diversidade de empresas existentes no Minho (e Galiza) é provavelmente abrangida por todas as áreas de investigação da UM. Outros parceiros importantes mencionados por este grupo incluem: escolas básicas e secundárias, organismos públicos, organizações não governamentais e alunos inscritos e diplomados.

A cooperação com estes parceiros, sobretudo com as empresas, pode ser desenvolvida a vários níveis, e compreende:

- O estímulo a uma política de investigação ao serviço da sociedade e da indústria portuguesa, que encoraje o fortalecimento dessas áreas, eventualmente em detrimento de outras, pautando-se pela excelência;
- O estabelecimento de relações privilegiadas de cada Escola com parceiros na sua área, no sentido destes garantirem estágios (preferencialmente remunerados) aos seus melhores alunos, cooperação com vantagens para ambas as partes;
- A participação das empresas em actividades da UM – seja em algumas unidades curriculares (UC) relacionadas com a sua atividade, seja em “feiras” de divulgação de atividades ou problemas, estimulando a criação de prémios aos melhores estudantes em áreas específicas;
- O desenvolvimento de um único centro - por exemplo, uma Escola de Negócios, no âmbito da UM em colaboração com instituições locais, dotadas de autonomia administrativa e financeira que dinamize, divulgue, e promova projetos que aproximem as empresas e os estudantes da UM;
- A manutenção e aprofundamento de relações com os ex alunos da UM;
- A criação de motivos que tragam novamente os diplomados à sua Universidade, não apenas por via da formação académica (cursos de formação ao longo da vida e investigação), mas também pelo desenvolvimento de atividades de lazer ou carácter social;
- A aposta nos serviços para que a prestação de atendimento e de acompanhamento ao público seja um fator de diferenciação;
- A interação dos professores e investigadores com a comunidade local, pela frequente organização de conferências fora da UM (todo o tipo de organismos públicos, por exemplo, escolas, autarquias...);
- A realização de trabalhos de consultadoria.

A UM deverá assim premiar quem mais contribui na geração de receitas próprias, estabelecendo um limite máximo para os “overheads”.

3. Perante as adversidades financeiras com que a UMinho se está a defrontar, quais as soluções que poderiam ser encontradas para a superação deste problema?

Para além de uma política de parcerias fundamentada nos actuais interesses regionais, o estímulo a interações pluridisciplinares internas, isentas de interesses pessoais e preconceitos, poderá conduzir a ótimas ideias inesperadas.

E tal como referido anteriormente, sistematizamos algumas soluções que podiam ser implementadas para ajudar a superar as adversidades financeiras:

- Redimensionar e focalizar a Universidade - entre outras, rever a estrutura orgânica e hierárquica da instituição de modo a tornar os serviços e as UOEI mais ágeis;
- Incrementar os trabalhos de consultadoria (efetuados no âmbito dos diversos centros de investigação da UM) para empresas e outras organizações;
- Incentivar parcerias/protocolos com empresas e administração pública;

- Incrementar de forma consistente a oferta de 2º ciclo com cursos profissionalizantes;
- Apostar na formação ao longo da vida, através da oferta de vários cursos de formação especializada que venham colmatar determinadas necessidades específicas de formação;
- Estimular a formação profissional a quadros superiores dos sectores público, privado e sem fins lucrativos, reduzindo os entraves burocráticos ao pagamento aos docentes e praticando remunerações atractivas (os “overheads” cobrados pela UM nestes casos podem ser uma importante fonte de financiamento);
- Captar alunos estrangeiros para os cursos de 2º e 3º ciclo, particularmente estudantes brasileiros e de outros países de língua oficial portuguesa;
- Promover a lecionação de cursos em Inglês, divulgando-os no estrangeiro e melhorando as estruturas de apoio aos estudantes estrangeiros;
- Estimular donativos por via do mecenato, de preferência com carácter regular ou permanente. Por exemplo, atribuindo o nome dos mecenas a bolsas de ensino, bolsas de investigação, salas de aulas, anfiteatros, complexos pedagógicos e Escolas/Institutos, o que representaria uma potencial fonte de financiamento permanente;
- Promover estágios profissionalizantes no verão;
- Aumentar a interação com a indústria em detrimento da produção científica meramente de número de artigos;
- Implementar a avaliação docente e de investigadores com repercussões no seu salário e contrato. A avaliação focalizada no ensino de qualidade e exigência e investigação de excelência e/ou de interação com a indústria e tecido produtivo;
- Incentivar as candidaturas a financiamentos de projetos de investigação a nível europeu/internacional (isto é, tentar diversificar as fontes de financiamento destes projectos) pela concretização de apoio mais intensivo por parte de pessoal especializado.

4. Que estratégia e formas de organização devem orientar o desenvolvimento e a internacionalização da investigação da UMinho?

A internacionalização da investigação da UM está diretamente relacionada com os contactos internacionais estabelecidos pelos diferentes interesses e grupos de investigação. Quanto mais diversificado for um ou vários grupos de investigação, maior a probabilidade de aumentar a internacionalização.

Os centros de investigação devem sempre reger-se por áreas estratégicas para a região e para o país, e assim, para além de alguns aspectos abordados anteriormente, a internacionalização pode crescer por:

- Criação de parcerias com centros de investigação de excelência no exterior;
- Desenvolvimento da investigação em rede por forma a que a mesma se torne mais competitiva e eficiente;
- Reforço da aposta da UM no Brasil e outros países que falam português;

- Libertação dos docentes de certas tarefas adicionais às suas atividades de ensino/investigação. Investigação de qualidade requer tempo e concentração.

5. Quais entende serem as prioridades estratégicas da Universidade do Minho para os próximos quatro anos?

Primeiro, uma certa estabilização da oferta formativa de modo a promover um ensino de qualidade a todos os níveis – o ensino é sem dúvida a primeira missão da Universidade. A estabilização da oferta formativa dos vários ciclos só é possível pela efectivação de planos curriculares definidos.

A outra prioridade estratégica é sem dúvida a investigação. Por isso, uma eficaz coordenação da docência com a investigação, só será possível com uma justa e eficiente distribuição de tarefas. Assim sendo, poder-se-á ponderar a consideração de diferenças percentuais à realização destas duas actividades: docência e investigação. Essas diferenças poderiam ser consideradas para uma mesma pessoa em períodos diferentes ou simultaneamente a diferentes pessoas. Este problema só não será tão difícil de resolver se as diferentes actividades forem “igualmente consideradas” – com justiça e sem ganância sobretudo de “poder”...

A docência e a investigação são pois prioridades interligadas. Uma investigação de qualidade é condição necessária para que seja oferecido um ensino de qualidade; o ensino de qualidade é fundamental à produção de investigadores de qualidade.

Assim, de modo sistematizado, as prioridades estratégicas da UM para os próximos quatro anos passam por:

- Racionalizar a oferta educativa;
- Aumentar ou, pelo menos, manter o número de alunos inscritos;
- Criar condições de excelência científica;
- Definir uma, ou várias áreas científicas, e apostar na sua especialização, de modo a que a UM possa ser associada a uma área de investigação charneira;
- Aumentar a interação com a sociedade e a indústria, promovendo a abertura ao exterior e trazendo as empresas e instituições para dentro da UM;
- Estimular a internacionalização da UM facilitando a cooperação;
- Avançar para uma UM participativa e descentralizada.

Braga, 26 de dezembro de 2011

Grupo de trabalho liderado pelo Professor António Ferraz.